

**caio maurício**  
**@caiocmauricio**

Sem Título, 2025.  
Instalação composta por sobreposições de impressões digitais dispostas em camadas de papel Presentation 180g e papel Vegetal 75g, ativadas pelo atravessamento de luz do negatoscópio.  
59 × 49 × 14 cm.

---

O trabalho desenvolve-se a partir do curso *Arquivo, Montagem e Memória*, orientado pela professora Fábila Schnoor, e integra o conjunto de obras produzidas a partir do acervo Memória Lage. A proposta de imersão nesse arquivo institucional conduziu também à revisitação do meu próprio acervo processual: materiais, estudos e experimentações que atravessam minha formação e que reaparecem aqui sob nova luz. Entre eles, destacam-se as lâminas produzidas no curso de Fotografia Expandida ministrado pela professora Denise Cathilina, cujos exercícios anteriores — antes circunscritos a investigações formais — tornam-se agora elementos estruturantes do trabalho. Essa confluência entre arquivo público e arquivo pessoal amplia a pesquisa, evidenciando continuidades entre gesto, método e memória.

A materialidade da obra — um negatoscópio, uma lâmina pedogenética impressa em papel vegetal e um mapa do Parque Lage perfurado — constitui um dispositivo de leitura do espaço que é, simultaneamente, leitura do tempo: um conjunto de camadas históricas, geológicas e afetivas que se reorganizam pela luz. Assim, gesto artístico, arqueológico e cartográfico convergem em uma mesma operação de montagem, fazendo com que diferentes estratos de memória se ativem e se recomponham no presente da obra.



Figura 1. Caio Maurício. Sem Título, 2025.

A escolha da lâmina de solo, com sua condição escalar frágil e translúcida, cria uma ponte entre o que se apresenta à superfície e aquilo que insiste em permanecer subterrâneo. O solo, entendido como arquivo geológico e testemunho silencioso dos processos que constituem e degradam o Parque Lage, torna-se também metáfora de um tempo que não se desfaz, mas se acumula. Quando suspensa diante da fonte luminosa, a lâmina pedogenética reencena o próprio movimento de formação dos solos — gênese, erosão, acúmulo, reorganização — compondo uma espécie de coreografia lenta das forças que moldam o território. Em um espaço historicamente marcado por tensões políticas, abandono institucional e reconfigurações de uso, essa lâmina evidencia que o subsolo não é apenas matéria: é memória comprimida, inscrição territorial e campo de disputa.

Sobreposta a esse primeiro estrato, a cartografia do Parque Lage — aqui reconfigurada em papel rígido e atravessada por perfurações — devolve ao mapa sua condição de vestígio. Os furos correspondentes às árvores operam como pequenas ausências que, paradoxalmente, produzem presença. A luz que atravessa esses pontos desloca o mapeamento botânico do registro técnico para uma dimensão sensível: os dados tornam-se constelações; o inventário transforma-se em pulsação. Nesse desvio, o trabalho propõe um modo outro de cartografar, no qual o mapa deixa de ser pura representação e passa a atuar como dispositivo de evocação — um arquivo que respira quando iluminado, atualizado pela experiência do olhar.

O negatoscópio, por sua vez, funciona como suporte, mediação e operador crítico. Instrumento historicamente vinculado à visualização de imagens internas, ele é reapropriado como aparelho capaz de revelar camadas espaciais e temporais. Ao deslocar suas funções originais — antes voltadas a tornar nítido o que está inscrito no corpo — a obra o converte em meio para tornar visível o que se incrusta no corpo do território. Assim, tensiona a fronteira entre ciência e arte, entre diagnóstico e contemplação, entre leitura técnica e percepção sensível. A luz produz uma espécie de radiografia do Parque Lage — não médica, mas histórica, política e material.

Da articulação entre lâmina de solo, cartografia perfurada e dispositivo luminoso emerge um arquivo em movimento. A obra não se limita a registrar o Parque Lage: ela o ativa. Trabalha pela lógica da montagem — sobreposição, corte, perfuração, incidência de luz — para construir um campo estratificado de memórias que não se estabilizam, mas se reorganizam continuamente. Cada lâmina, cada ponto iluminado, cada camada reativada afirma que a memória do Parque Lage não é estática: ela se renova e se reconfigura diante do olhar.

Nesse sentido, o trabalho reinscreve o espaço como campo de forças: entre o que tende a se sedimentar e aquilo que continuamente se rearranja, desloca, reaparece. Ao transformar mapa e solo em um corpo luminoso, a obra não apenas evidencia a

complexidade da paisagem, como também convoca o público a reconhecer o território como uma trama de camadas em permanente transformação.

## **CONSERVAÇÃO, MANUSEIO E TRANSPORTE**

A obra apresenta componentes frágeis que exigem cuidados específicos em todas as etapas de manipulação;

### **NEGATOSCÓPIO;**

Trata-se de um equipamento delicado, com superfície semi-rígida e translúcida, suscetível a riscos, rachaduras, descolamentos e danos por impacto. O manuseio deve ser sempre feito com as duas mãos, evitando torções, inclinações bruscas ou qualquer apoio que pressione o visor. Recomenda-se não tocar diretamente a superfície luminosa para evitar marcas de gordura ou abrasão; se fizer necessário, o contato deve ser feito com luvas. O aparelho não deve ser empilhado, apoiado verticalmente nem colocado próximo a objetos que possam vibrar ou gerar calor.

### **PAPÉIS;**

As camadas sobrepostas de papel Presentation e Vegetal possuem baixa resistência mecânica e são vulneráveis a dobras, vincos, abrasão e umidade. Devem sempre ser mantidas planas, evitando qualquer curvatura ou tração nas bordas. Por serem elementos intrinsecamente alinhados, qualquer deslocamento mínimo pode comprometer a leitura luminosa da obra. A manipulação deve ser feita evitando o contato direto da pele que pode transferir oleosidade ou criar deformações. As lâminas não devem ser expostas à luz solar direta, correntes de ar, superfícies rugosas ou contato prolongado com outros materiais.

### **TRANSPORTE;**

Deve ser planejado de modo a reduzir ao máximo vibrações, impactos e mudanças bruscas de temperatura. O negatoscópio deve ser envolvido em múltiplas camadas de plástico bolha. A superfície luminosa deve sempre preferencialmente com proteção rígida externa (como caixa de papelão duplo ou caixa plástica) antes da aplicação do plástico bolha, evitando atrito direto.

## MONTAGEM

A instalação deve ser apresentada com o negatoscópio ligado ininterruptamente, pois a retroiluminação é o elemento que ativa a obra e torna visíveis as sobreposições de impressões digitais. A luz atravessa não apenas as camadas de papel Presentation 180g e papel Vegetal 75g, mas também os furos cuidadosamente distribuídos nos papéis, que funcionam como pontos de passagem luminosa e intensificam a profundidade, o ritmo e a leitura dos estratos que compõem o trabalho. Para garantir essa nitidez, o aparelho — de operação bivolt (127/220V), devendo ser ajustado conforme a tomada do local — deve estar equipado com lâmpadas fluorescentes de 6500K e potência igual ou superior a 15W.

A orientação do negatoscópio deve seguir rigorosamente o arranjo espacial: instalado horizontalmente, com o interruptor voltado para cima, definindo também o sentido de leitura do conjunto. O topo do mapa deve acompanhar essa direção, garantindo coerência entre forma, leitura e o percurso da luz através das diferentes camadas. As folhas precisam estar cuidadosamente alinhadas e fixadas, permitindo que a luz atravessasse cada estrato de maneira homogênea e evidencie a relação entre áreas opacas, translúcidas e perfuradas. Nesse mesmo sentido, a iluminação do ambiente expositivo deve ser controlada para que não haja interferência com a luz do negatoscópio, preservando o destaque dos pontos de brilho e das variações sutis entre densidade e transparência.

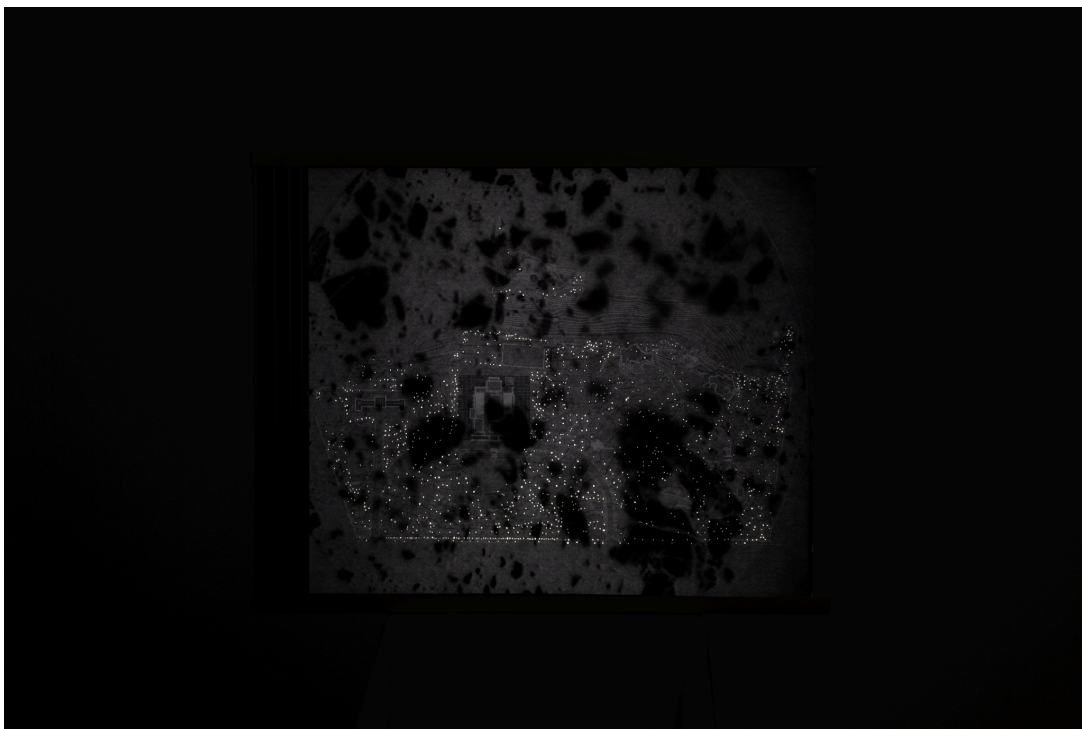


Figura 2. Caio Maurício. Sem Título, 2025.

Toda a instalação deve ser apresentada sobre um totem que atua como suporte e elemento expositivo, mantendo o aparelho entre 1,70 m e 1,90 m de altura e garantindo uma observação adequada da superfície iluminada e da complexidade do conjunto.

Por se tratar de uma obra que depende de precisão técnica e estabilidade dos materiais, qualquer procedimento de montagem, transporte ou adaptação expositiva deve ser acompanhada pelo artista ou realizada conforme instruções previamente aprovadas, assegurando fidelidade conceitual e integridade material da instalação.